

VÁRIA

Descoberta páleo-antropológica no Transvaal (1)

Em postal de Chikumi (Rodésia), datado de 20 de Dezembro de 1929, o sr. dr. Luigi Cipriani, do Museu Antropológico de Florença, que tem andado em explorações antropológicas na África do Sul, teve a gentileza de me comunicar que descobrira nas proximidades do Limpopo, no Transvaal septentrional, numa formação provavelmente terciária, impressões de pés humanos. Trata-se, sem dúvida, segundo o amável correspondente, dum tipo novo de homem, com pés de 34 centímetros de comprimento e com caracteres antropóidicos.

O prof. Cipriani acrescenta que obteve, com pleno êxito, moldes em gesso daquelas pegadas, ao lado das quais havia mais de duzentas outras impressões de diversos animais. Era provavelmente, conclui, um sítio nas proximidades de água, onde o homem e os animais iam beber, deixando impressões dos pés.

O dr. Cipriani contava estar de regresso à Itália antes dum ano e prometia dar-nos então mais detalhes sobre aquele tipo humano do Transvaal.

O ilustre investigador, embora ainda jovem, é autor de vários trabalhos, a alguns dos quais nos referimos já com justo elogio nas páginas da nossa revista. Tendo trabalhado em Florença com os eminentes professores Mochi e Puccioni, consagrou-se ultimamente a explorações de antropologia e doutros ramos da história natural na África do Sul. A sua viagem anuncia-se já, como era de antever, extremamente frutífera, pois a descoberta aludida parece ter grande importância.

A África do Sul dera-nos anteriormente, além de abundantes achados arqueológicos, os restos esqueléticos humanos de Boskop e de Broken-Hill, estes últimos com certas afinidades neandertalianas, embora, sob outros aspectos, bastante diverso do *H. neanderthalensis*. Deu-nos também na Bechuanalândia uma forma nova

(1) Comunicação em sessão de 20 de Fevereiro de 1930.

de antropóide fóssil, o *Australopithecus africanus*, do professor Dart. Forneceu, emfim, vários cercopitecídeos fósseis.

Agora parece facultar à Antropologia documentos dum hominídeo com pés muito maiores do que os do homem actual e apresentando, além dêsse, vários outros caracteres antropóidicos. Quais? Não os diz, no seu postal naturalmente lacónico, o ilustre antropologista.

Mas recordemos, de passagem, alguns dos caracteres do pé humano em relação ao pé simiano, segundo diferentes autores: existência da abóbada longitudinal plantar; adução do dedo grande com aumento de peso sobre êle; forma plana da superfície articular entre o primeiro metatarsiano e o primeiro cuneiforme (nos símios, é em sela, permitindo, com a abdução do dedo, movimentos de oponibilidade do dedo grande análogos aos do polegar na mão); calcâneo alto e largo, maciço, ovoide (redondo no gorilha); dedos mais curtos do que nos antropóides e faces plantares voltadas para baixo, diminuindo o comprimento dos dedos do segundo para o quinto; redução da torsão dos metatarsianos, que só persiste ligeiramente no primeiro e segundo; segmento metatarsico mais longo do que o digital (ao contrário do que sucede nos símios arborícolas); facetas articulares do calcâneo quasi horizontais, com pequeno declive para a frente e menos para dentro (nos antropóides são oblíquas para a frente e abruptamente inclinadas para dentro).

Alguns autores, como Gregory, Morton, etc., acham possível a transformação evolutiva dum pé de tipo gorilhoide no pé humano. Outros, como Miller, consideram essa transformação improvável, acentuando a diversidade dos tipos humano e antropóidico do pé. Weidenreich entende que o pé do Chimpanzé é o mais aproximado do pé humano. Parece-nos que os primeiros têm razão.

O caso do pé de John Daniels, gorilha jovem, observado por Morton e que sempre viveu em cativeiro, é muito impressivo, dadas as adaptações humanoides para que êle mostrava tendência, por só ter efectuado a locomoção terrestre. Outro caso citado pelo mesmo autor, o dum Cebídeo que tinha num dos pés a superfície articular endocuneiforme-metatarsiana análoga à do homem, é também uma prova interessante da possibilidade da evolução dum pé simiano para o humano. Aquele macaco tinha num dos pés uma inflamação crónica localizada no quinto metatarsiano e vira-se forçado a apoiar-se do lado do dedo grande, como succede no homem. No outro pé, no pé são, a superfície articular era convexa, bem simiana.

O que o prof. Cipriani nos disse já do pé do homem do Limpopo é que êle tinha 34 centímetros de comprimento! Se fósse

legítimo calcular, neste caso, a estatura, tomando como base os cânones do homem actual, em que o comprimento do pé é, em média, 15 % da estatura, chegar-se-ia a um número correspondente a uma forma gigante: mais de 2^m,25 de altura! Mas, tratando-se dum tipo fóssil diverso do *H. sapiens* actual, e do qual se desconhecem muitos caracteres, é arriscado ajuizar das suas proporções pelas do homem contemporâneo.

Não se julgue, porém, que as impressões de pés são documentos de insignificante valor paleontológico. A Paleontologia animal contém grande número de documentos dessa ordem. A aparição dos Anfíbios no neo-devónico é testemunhada pela impressão da pata tridáctila do *Thinopus antiquus*. São frequentes as impressões das patas de Stegocéfalos no carbónico e no triádico da América e da Europa. Conhecem-se impressões de patas de Dinosáurios e outros Reptis. Nos grés wealdianos o Iguanodonte, por exemplo, deixou dessas impressões. Muitos outros exemplos se poderiam citar.

Quanto ao homem fóssil, Cartailhac e Breuil tinham já assinalado as pègadas humanas no pavimento da caverna de Niaux. Mais recentemente o conde Bégouen registou impressões pre-históricas da mesma origem nas cavernas de Tuc de Audoubert, Cabrerets e Montespan, que, como Niaux, forneceram também notáveis documentos da arte quaternária. O estudo antropológico dessas pègadas foi conscienciosamente feito pelo ilustre anatómico e antropologista de Toulouse, prof. Vallois, que nelas encontrou alguns caracteres inferiores.

Como se vê, as impressões de pés de homens pre-históricos não constituem um facto inédito na Paleontologia humana, mas, se o homem do Limpopo era terciário, e tendo êle algumas afinidades antropóidicas, a descoberta do prof. Cipriani constitui um acontecimento científico de notável transcendência.

MENDES CORRÊA.

Associação Internacional de Estudos Mediterrâneos

Destinada a fomentar « o progresso e difusão do conhecimento das civilizações que floresceram na bacia do Mediterrâneo » fundou-se, por iniciativa do sr. conde Constantini, a *Associação Internacional de Estudos Mediterrâneos*, com o concurso das nações interessadas e representadas em Roma pelas suas Escolas. Infe-

lizmente, como Portugal não figura entre elas, vemos excluída a nossa língua das seis empregadas na redacção do «Boletim».

A A. I. E. M. organizou concursos para a elaboração da «Prosopographia Liberae Romanae Reipublicae» e estudo da rede de comunicações do Império Romano, esperando desenvolver outras iniciativas.

O primeiro número do «Boletim» (32 págs., Roma, 1930) apresenta magnífica colaboração, em curtos artigos acompanhados de excelentes gravuras.

As adesões podem ser enviadas para a Villa Celimontana, Roma.
